

A (DIFÍCIL) DECISÃO
DE ENVELHECER



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente
EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Jorge Félix

A (DIFÍCIL) DECISÃO
DE ENVELHECER

*Reflexões sobre longevidade,
cuidado e bem-estar social*

F335d Félix, Jorge, 1967-

A (difícil) decisão de envelhecer : reflexões sobre longevidade, cuidado e bem-estar social / Jorge Félix – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2026.

1. Sociologia 2. Envelhecimento da população. 3. Longevidade. 4. Bem-estar social. 5. Idosos. 6. Assistência de longa duração. I. Título.

CDD – 301
– 304.6
– 330
– 361
– 305.26
– 362.6

ISBN: 978-85-268-1909-2

Copyright © by Jorge Félix
Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

Este livro foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Brasil. Processo no 2023/10344-0.

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Ao biólogo João Klinke Félix, meu único filho,
meu melhor amigo, meu mestre, a quem não
foi permitido viver a velhice, mas, em pouco
tempo por aqui, fez brilhar uma luz tão intensa
que é capaz de me iluminar para sempre.

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------|---|
| Prefácio..... | 9 |
| <i>Guita Grin Debert</i> | |

| | |
|-------------------|----|
| Apresentação..... | 13 |
|-------------------|----|

PARTE I – Notícias sobre o envelhecer

| | |
|---|----|
| Texto 1. A (difícil) decisão de envelhecer | 27 |
| Texto 2. Zygmunt Bauman e a Previdência Social | 35 |
| Texto 3. A Previdência no Chile e o exagero do neoliberalismo..... | 40 |
| Texto 4. A reforma Temer-Caetano é privatização..... | 43 |
| Texto 5. População brasileira envelhece endividada | 47 |
| Texto 6. O envelhecimento da população: falsas premissas..... | 52 |
| Texto 7. O Brasil emerge e envelhece | 55 |
| Texto 8. A Europa nordestina | 58 |
| Texto 9. O Google, a longevidade e a sua empresa..... | 61 |
| Texto 10. A crise do cuidado e a retomada econômica mundial..... | 65 |
| Texto 11. Um Brasil mais velho e mais desigual? | 69 |
| Texto 12. Universidades e envelhecimento populacional..... | 72 |
| Texto 13. Covid-19: o Brasil está despreparado para envelhecer..... | 77 |

| | |
|---|-----|
| Texto 14. Covid-19, população idosa e o SUS | 80 |
| Texto 15. Covid-19 não ameaça o fenômeno da longevidade..... | 83 |
| Texto 16. Morte, a resposta do Posto Ipiranga | 91 |
| Texto 17. A longevidade e seus descontentes | 94 |
| Texto 18. <i>Star Wars</i> , velhice e a gestão hospitalar..... | 97 |
| Texto 19. Com a maturidade fica-se mais jovem..... | 101 |
| Texto 20. Todos seremos gerontólogos, a profissão do futuro..... | 104 |
| Texto 21. Por que Theresa May criou o Ministério da Solidão | 108 |

PARTE II – Estudos sobre o envelhecer

| | |
|---|-----|
| Artigo 1. Economia da longevidade, gerontecnologia e o complexo econômico-industrial da saúde no Brasil: uma leitura novo-desenvolvimentista..... | 115 |
| Artigo 2. Economia do <i>care</i> e economia da longevidade: o envelhecimento populacional a partir de novos conceitos | 137 |
| Posfácio..... | 155 |
| <i>Frei Betto</i> | |

ANEXOS

| | |
|--|-----|
| Anexo 1. Velhos e velhas: pauta que o ESG esqueceu | 159 |
| <i>Daniela Chiaretti</i> | |
| Anexo 2. Gastos catastróficos e dívidas põem idosos em apuros..... | 162 |
| <i>Pedro Cafardo</i> | |
| Anexo 3. A financeirização da velhice assola o Brasil..... | 165 |
| <i>Jorge Félix</i> , em entrevista a Guilherme Arruda | |
| Anexo 4. Sobre o tempo | 177 |
| <i>Laerte</i> | |
| Referências | 179 |

PREFÁCIO

Guita Grin Debert

A (difícil) decisão de envelhecer, de Jorge Félix, aborda de maneira instigante um amplo leque de questões relacionadas com o envelhecimento. Doutor em Sociologia e jornalista, o autor sabe dissecar em cores vivas as principais teorias sobre os desafios de envelhecer, mas indo sempre muito além delas. Félix contesta seus pressupostos e provoca reconfigurações originais, construídas a partir de suas reflexões e ensinamentos como professor da Universidade de São Paulo, pesquisador em pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas e como um observador atento e crítico das políticas ensaiadas para esse setor.

O autor tem plena consciência do caráter socialmente construído dos significados e das ações públicas voltadas para o segmento mais velho da população e rebate as tentativas de homogeneização das representações sobre a velhice que encobrem a variedade de experiências vividas pelas pessoas de 60 anos ou mais. Sabe que uma questão que dizia respeito à família, às associações filantrópicas ou à previdência individual passou a ser uma responsabilidade social, com a universalização do direito à aposentadoria e a implementação de um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes contraditórias, pelos aparelhos de Estado e outras organizações privadas empenhadas em transformar a velhice numa experiência mais gratificante. A criação de grupos de convivência de idosos, universidades para a terceira idade e de outros espaços

de convivência dos mais velhos permitiu o estabelecimento de relacionamentos independentes do restrito círculo familiar.

Criaram-se um campo de saber específico, a geriatria, como uma especialidade médica voltada para os idosos, e a gerontologia, que abarca outros profissionais encarregados de compreender e definir – de maneira interdisciplinar – os problemas que afetam as pessoas mais velhas. É na formação desses especialistas que o autor vem há décadas ministrando aulas, dedicando-se à formação de bacharéis e pós-graduandos nessa área de estudos.

Com este livro, que reúne crônicas e artigos publicados originalmente em jornais e revistas, aprendemos que a constituição de um problema social não é resultado automático do mau funcionamento da sociedade, mas requer um trabalho incessante para a conquista da atenção pública, que supõe a ação de grupos socialmente interessados em inserir o problema no campo das preocupações sociais.

Em tom cristalino, recheado de comentários sobre textos literários e filmes, compreendemos os desafios de uma economia da longevidade, com os impasses trazidos pelo aumento crescente da proporção de pessoas idosas na população; os avanços da gerontecnologia, que é a tecnologia para os cuidados de longa duração de pessoas idosas; e os reveses da financeirização da velhice.

Crítica veemente é feita às lentes fiscalistas da seguridade social – que responsabilizam as aposentadorias pela crise financeira – e ao familismo, que tende a atribuir às famílias obrigações que são do Estado. A dimensão globalizada dos problemas enfrentados por diferentes países e os exageros do neoliberalismo são tratados com precisão, com a demonstração de como as políticas que pregam a ampliação do tempo de contribuição, o aumento da idade mínima para a aposentadoria e a privatização do sistema de Previdência Social acabam acirrando as desigualdades socioeconômicas. Esses modelos têm servido de *script* para economistas e políticos brasileiros que, em detrimento da coesão social, que é o objetivo principal dos Estados modernos, se voltam exclusivamente para a garantia do superávit primário.

O envelhecimento populacional é um dos principais vetores socioeconômicos do século XXI, e os serviços de saúde e os cuidados de longa duração serão estratégicos na concorrência global e na inserção internacional de países como o Brasil.

O prolongamento da vida humana é certamente um ganho coletivo que não pode ser transformado numa catástrofe fiscal. Daí a centralidade da gerontologia e de análises como a de Félix, cujas pitadas em altas doses todos os diferentes profissionais necessitam quando almejam uma atuação mais abrangente e consequente em seu campo de ação.

Trata-se, portanto, de um livro imprescindível num contexto em que o etarismo e a discriminação da pessoa idosa não podem impedir a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

APRESENTAÇÃO

Chama-lhe à minha vida uma casa, dá o nome de relíquias aos inéditos e impressos que aqui vão, ideias, histórias, críticas, diálogos, e verás explicados o livro e o título.

Machado de Assis, em *Relíquias de Casa Velha*.¹

Abacateiro, teu recolhimento é justamente o significado

Da palavra temporão

Enquanto o tempo não trazer teu abacate

Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão

[...]

Refazendo tudo

Refazenda

Refazenda toda

Guariroba

Gilberto Gil, na música “Refazenda”

Em 2020, a médica cardiologista Véronique Fournier foi aposentada compulsoriamente do sistema de saúde pública da França “por causa da idade”. Sempre muito ativa, Madame Fournier ainda se sentia apta para fazer muitas coisas. Começou a refletir, então, sobre o seu próprio envelhecer e como seria a vida dali por diante, uma vez que a realidade se cristalizava à sua frente. Concluiu que a maneira como envelhecemos na sociedade contemporânea não lhe agradava em nada. Ela convocou um grupo de colegas para discutir a velhice e fundou uma pequena associação batizada de “Vida antiga”. A ideia era trabalhar, no âmbito do centro de ética clínica, do qual fazia parte havia décadas, com homens, mulheres, jovens, pessoas idosas, mas também com políticos, sociólogos, juristas e, evidentemente, médicos, para, nas palavras dela, refletir sobre a velhice e oferecer informação sobre essa fase da vida.

¹ Assis, 1986, vol. II, p. 658.

Porque, em última análise, diz ela, ninguém sabe o que significa envelhecer quando não é velho. E não seriam aqueles com 40 anos que poderiam falar “inteligentemente” sobre a velhice.²

Doutora Véronique organizou um primeiro seminário que teve como título “Quem é velho aqui?”. Essa pergunta foi feita a toda a audiência presente à abertura do evento. Foi quando ela e seus amigos depararam com uma constatação inesperada: ninguém era velho. Ninguém levantou o braço. Nem mesmo aqueles sentados no auditório com 80 ou 90 anos se sentiam velhos. É sempre o outro que é, constatou Madame Fournier: “E isso ainda é bastante surpreendente”. Ela e seu grupo publicaram um livro com as discussões do seminário com o mesmo título do evento (*Qui est vieux ici?*), mas acrescentando o subtítulo *Les vieux sortent de l'ombre (Os velhos saem da sombra)*, e a assinatura da autoria ficou assim: Véronique Fournier e alguns outros velhos.³ O objetivo do livro, segundo a organizadora, era explicar que “se não aceitarmos que somos velhos, há poucas chances de a sociedade, um dia, colocar o tema da velhice como central”. A categoria social “pessoas idosas”, diz ela, deve emergir para que sejam abordados os temas e os direitos desse segmento populacional.

Logo depois do livro, doutora Véronique continuou seu ativismo e organizou uma *soirée* com o tema “Onde está a lei dos idosos?”. No auditório, mais de 200 pessoas. Ela lembrou ao público que três presidentes da República haviam prometido aprovar um estatuto do idoso no país e nunca cumpriram a promessa, mesmo diante de um envelhecimento populacional bastante avançado na França. Eis que Madame Fournier tem a ideia de criar um conselho nacional para discutir o tema da velhice, emulando o modelo já em plena atividade dedicado às pessoas com deficiência, para definir interlocutores com o governo. O auditório vibrou com a ideia. E uma epifania deu caráter, personalidade e razão a todo o movimento. Os presentes decidiram rebatizar o “Vida antiga” de Conselho Nacional Autoproclamado da Velhice. Com um detalhe importante: a sigla seria CNaV, uma alusão à sigla mais famosa no campo do envelhecimento no país, a Cnav, Caisse National d'Assurance Vieillesse (Fundo Nacional de Seguridade para a Velhice). Na percepção média

² Jubert, 2024, p. 41.

³ Fournier, 2022.

da sociedade francesa, a Cnav guarda até um certo tom idosista,⁴ assistencialista e, sobretudo, de inatividade, pois é o órgão oficial responsável pelo pagamento de aposentadorias e assistência social – um quase similar do brasileiro INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

Aos poucos, as reflexões do CNaV têm introduzido no debate público (para além da academia) questões tangentes ao tema do envelhecimento, como a economia do cuidado, a autonomia e a independência, a heterogeneidade, a velhice LGBTQIA+, o idosismo, a mobilidade urbana, a habitação, a sexualidade, o mercado de trabalho, a educação, a economia da longevidade⁵ e a desigualdade de gênero. No CNaV, destaca Fournier, a maioria é de mulheres. Para ela, os homens têm muito mais dificuldade de se enxergarem velhos do que as mulheres. Uma de suas hipóteses para tal é que só reivindicamos coisas quando sofremos com elas ou somos estigmatizados. As mulheres, na opinião dela, são mais estigmatizadas do que os homens na velhice. Os homens ficam velhos, segundo Véronique, e são considerados bonitos; já as mulheres, ao menor sinal de velhice, são desvalorizadas. E Madame Fournier é direta para expor sua indignação: “Elas são lindas, eventualmente. Mas elas não são mais *baisables* [fodíveis, em tradução livre]. Perdoe-me por ser franca, mas é assim que as coisas são”.⁶ Segundo a cardiologista, elas internalizam mais a estigmatização do envelhecimento. As mulheres percebem que é preciso fazer algo no nível social para evitar essa depreciação. Enquanto os homens, conclui Fournier, continuam a pensar até o fim que são poderosos, que sempre têm coisas para contribuir à sociedade.

Para muitos homens, não há necessariamente mais nada na vida do que a força física, lembra Véronique. Ou, em qualquer caso, eles precisam manter esse poder para sentirem sua própria existência, sublinha a médica. As mulheres, diz ela, não têm escolha. Em seu entendimento, existe uma relação com a velhice, com a idade e com a morte que é diferente para homens e mulheres. A sexualidade ainda é uma grande fonte de vitalidade, acredita. E não temos o mesmo comportamento em relação à sexualidade aos 25 ou aos 60 anos,

⁴ Minha tradução para o neologismo em inglês *ageism*, traduzido, quase sempre, para etarismo.

⁵ Ver Félix, 2019a.

⁶ Jubert, 2024, p. 42.

quando somos homem e quando somos mulher. Véronique diz que ainda não chegou a uma conclusão científica definitiva, mas procura caminhos de pesquisa e compreensão para ampliar a participação masculina no CNaV. Ela busca convencê-los de que este é um assunto importante também para eles, fazê-los compreender que são úteis através da sua maneira diferente de ver a vida e precisam contribuir para fortalecer o *lobby* – como o CNaV se define – pela velhice na elaboração de políticas públicas. Quando criado, em fevereiro de 2022, o CNaV, que tem como lema “Nada para os velhos, sem os velhos”, tinha 300 associados; hoje são 3 mil.

Enquanto organizava este livro, uma revista foi lançada na França com o título de *Velhos*. Amigos franceses me comunicaram sobre a novidade, e pedi imediatamente à amiga Helena Hirata, residente em Paris – e com quem me encontraria em poucos dias em Montréal para um colóquio acadêmico, na Université du Québec –, para fazer o favor de me trazer um exemplar, pois era impossível adquirir o primeiro número pelo *site*. Obrigado, Helena. Se tinha algumas dúvidas sobre a validade de reunir artigos dispersos que discutiam a velhice e o envelhecimento, escritos ao longo de muitos anos de ensino e pesquisa sobre o tema, todas foram imediatamente dissipadas com essa publicação. Lembrei-me da advertência de Machado de Assis na abertura de *Relíquias de Casa Velha*, um de seus títulos em que a velhice é protagonista,⁷ e ganhei coragem e uma certa ousadia para propor esta (re)conversa ao público leitor, a partir de textos que estavam perdidos por aí.

Outra fonte de estímulo foi o *slogan* da publicação *Velhos*: “A revista que todos acabaremos lendo”. A chamada de capa da primeira edição é “Eu assumo...!”, e um grupo de artistas, filósofos, médicos, acadêmicos, políticos, jornalistas foi convidado para refletir sobre a velhice. Uma das entrevistas principais foi a de Véronique Fournier contando a história do CNaV. Considero a proposta e a edição de *Velhos* extremamente inteligentes e diferenciadas de inúmeras publicações ao redor do mundo sobre o envelhecimento, pois, na maioria das vezes, os editores já começam errando pelo título de suas publicações, preferindo nomes que, como diz Véronique, mais apagam ou idealizam do que revelam a velhice, com raríssimas exceções. A edição traz

⁷ Sobre a velhice em Machado de Assis, ver Guidin, 2000.

também uma entrevista com o ator Daniel Auteuil, discutindo seus 74 anos; a comediante Florence Foresti responde com humor à pergunta “Como eu sei que eu estou envelhecendo?”, com uma ilustração bastante atraente e criativa; a ecologista Camille Étienne discute a intersecção entre transição climática e transição demográfica; o militante Francis Carrier escreve o artigo “Pensar sua velhice não lhe faz envelhecer mais rápido!”; a filósofa Olivia Gazalé parte de uma frase do ator estadunidense Groucho Marx – “Em cada velho, existe um jovem que se pergunta o que aconteceu” – para refletir sobre a velhice, amparada na personagem Gilberte e no episódio célebre descrito por Marcel Proust no clássico *Em busca do tempo perdido*, no qual, na velhice, confunde a então jovem amada, e antes tão desejada, com a mãe dela. “Você me confundiu com minha mãe, de fato eu começo a me parecer muito com ela”, reage a personagem, criando o “efeito Gilberte” para designar esse fenômeno de alteridade – o reconhecer-se envelhecida a partir do olhar de outra pessoa.

Ao longo das últimas décadas, a gerontologia, um campo do conhecimento criado a partir da necessidade de estudar e refletir sobre o envelhecimento humano e o envelhecimento populacional, atuou de forma bem-sucedida para descolar a idade cronológica da idade autopercebida ou vivida. Nos últimos anos, o avanço de tecnologias de rejuvenescimento, da medicina e de uma certa “filosofia” de vida permitiu ressignificar, em termos, a velhice e o envelhecimento. Se algumas figuras públicas seguem a tradição monárquica, adotada desde a Idade Média, de esconder as mazelas do corpo envelhecido, como faziam reis e rainhas, ou negar e temer a fase idosa,⁸ atualmente o “moderno” é deixar aparentar os cabelos brancos. Durante a pandemia de covid-19, em 2020, reparei, assistindo a uma edição do Jornal Nacional, quando a cantora Fafá de Belém concedeu entrevista para lamentar a morte de um amigo e se deixou filmar com os cabelos com acentuadas raízes brancas. Imediatamente, levei esse tema para o meu comentário semanal no “Bem-Estar”, na TV Globo. Acreditei que seria uma maneira de abordar o assunto de um ponto de vista otimista e até libertador para as mulheres, principalmente. Logo depois da pandemia, tornaram-se frequentes as mulheres de cabelos brancos.

⁸ Cito vários exemplos no meu primeiro livro. Ver Félix, 2011.

Essas alterações de comportamento são relevantes para o debate público sobre o envelhecimento populacional e a luta por direitos em meio ao conflito orçamentário no interior do Estado. No entanto, estão distantes de garantir uma conscientização da sociedade em nível suficiente para influenciar as políticas públicas proporcionalmente à demanda. Isso porque existe muito mais força na negação do envelhecimento do que em sua visibilidade, discussão e ressignificação do ponto de vista socioeconômico, obstruindo ou protelando questões emergentes, como a filosofia do cuidado,⁹ a ética do cuidado,¹⁰ o fim da vida e os cuidados paliativos¹¹ ou a velhice dependente.¹²

Paradoxalmente, as reflexões sobre o envelhecer são quase tão antigas quanto a própria humanidade. Existe uma biblioteca de publicações, nas mais variadas áreas, convidando os leitores e as leitoras de diversas épocas a pensar a velhice. O curioso, talvez, é que quanto mais se escreve sobre envelhecer, mais as pessoas reagem e se embrenham em uma fuga frenética rumo a um desconhecido “desenvelhecer” ou sonham com idealizadas *blue zones* nada científicas e muito menos replicáveis.¹³ Como se o ser humano pudesse ter o envelhecimento das árvores que, quanto mais os anos passam, ficam mais fortes, resistentes e belas.

Confundem-se as possibilidades abertas pela ciência para propiciar um melhor envelhecimento com o fim dessa fase da vida. Ninguém está proibido de investir no autocuidado ou em sua imagem e autoestima, evidentemente, lançando mão de muitas técnicas de estética ou clínicas para retardar o declínio físico e cognitivo ou revigorando-se com comprimidos para disfunção erétil. Mas a negação da velhice é prejudicial ao debate sobre os direitos das pessoas idosas e o avanço do bem-estar social. Como já destacado por diversos autores,¹⁴

⁹ Ver Mortari, 2018.

¹⁰ Ver Brugère, 2023.

¹¹ Ver Arantes, 2019. Em maio de 2024, o Ministério da Saúde lançou uma política de cuidados paliativos. Ver Brasil, 2024.

¹² Ver Hirata & Guimarães, 2012.

¹³ As chamadas *blue zones* (zonas azuis) ficaram famosas devido ao livro do jornalista estadunidense Dan Buettner e seriam lugares onde os habitantes locais teriam uma probabilidade particularmente alta de atingir idades avançadas. A ciência tem negado a tese das zonas azuis com certa veemência. Ver Brendborg, 2024, pp. 28-31.

¹⁴ Ver Debert, 1999.

a individualização do “envelhecer bem” culpabiliza a pessoa pelas mazelas e doenças da velhice e exige a coletividade, leia-se o Estado, de responsabilidades sobre o bem-estar da totalidade das pessoas idosas – sobretudo daquelas sem acesso a técnicas estéticas, academias, tratamentos médicos de vanguarda e uma infinidade de produtos e serviços para o chamado envelhecimento ativo – que vem sendo cada vez mais problematizado.¹⁵

A genética promete desenvolver o ser humano. A corrida pela descoberta do gene do envelhecimento é uma corrida bilionária em todo o planeta.¹⁶ Enquanto ninguém gritar “Eureka”, porém, o ser humano continuará envelhecendo de uma maneira desigual e heterogênea, assim como todos os animais, com exceção da água-viva *Turritopsis*, um ser minúsculo, do tamanho de uma unha, que passa a vida à deriva no mar comendo plâncton. Conhecida como “medusa imortal”, a *Turritopsis* envelhece ao contrário, segundo a biologia.¹⁷ Mas o estilo de vida da medusinha não seria muito recomendável para um ser humano, mesmo aquele cuja obsessão pelo desenvolver seja do tamanho de um oceano.

Se não temos escolha, precisamos enfrentar o desafio. O planeta inteiro envelhece, e assumir essa realidade é mitigar riscos.¹⁸ Talvez, nestes tempos hipermodernos,¹⁹ decidir envelhecer seja a melhor recomendação para quem questiona (ou se questiona) sobre como envelhecer bem. A pandemia da covid-19 nos mostrou que as soluções individuais jamais serão promissoras e desnudou a interdependência de cuidado ao revelar a velhice dependente. O objetivo maior, como sempre, continua a ser a construção coletiva.

Emprestar qualidade de vida a uma velhice cada vez mais prolongada é um dos maiores desafios socioeconômicos contemporâneos – ao lado dos riscos suscitados pela questão ambiental. Maior ainda para um país tão desigual quanto o Brasil, embora nenhum país tenha obtido sucesso integral nessa questão, ao menos até agora. Todo o planeta está diante do mesmo desafio, uma

¹⁵ Ver Watkins *et. al.*, 2023.

¹⁶ Sinclair, 2021; Zatz & França, 2021.

¹⁷ Brendborg, 2024, p. 20.

¹⁸ Sobre a relação entre o conceito de “sociedade de risco”, do sociólogo Ulrich Beck, e o envelhecimento, ver Gilleard & Higgs, 2024; Félix, 2019a. Para um contra-argumento, ver Tronto, 2012.

¹⁹ Ver Lipovetsky, 2004.

vez que a economia capitalista jamais testemunhou o fenômeno de tamanha longevidade humana, o que faz desse tema das ciências sociais um tanto até (ou ainda) filosófico.

“Podemos verdadeiramente esquecer a velhice?”, questiona o filósofo Pierre-Henri Tavoillot.²⁰ Segundo ele, é aqui que encontramos um grande paradoxo: a nossa época, que é conhecida pelo idosismo – o preconceito a qualquer sinal de velhice, muitas vezes explícito, como foi na eleição presidencial dos Estados Unidos de 2024 –, utiliza, para pensar nela, para consolá-la, para fazê-la durar, uma energia e uma inventividade sem precedentes. Nada desperta mais leitura do que dicas (ou segredos) de centenários para uma vida longa, e esse mergulho na velhice forja uma filosofia das idades da vida.²¹

Na visão de Tavoillot, o debate estaria deslocado exageradamente para o lado do envelhecimento ativo. Se buscarmos na filosofia, ensina ele, existe uma linha daqueles que rejeitavam a velhice, como Mimnermo de Colófon (630-600 a.C.), um dos poetas elegíacos mais famosos da história, cujas poesias amorosas refletiam as aspirações preciosistas dos seres humanos, sem considerar a efemeridade da existência e o ciclo da vida. Aristóteles (384-322 a.C.) chegou a cravar a idade da velhice do corpo em 35 anos e a do espírito em 49. Outros fizeram parte da turma do “apesar da idade”, isto é, a velhice não é admirável, mas tem as compensações da “sabedoria” ou do “ainda” – permitindo energia ou até mesmo beleza.

No time daqueles filósofos defensores da velhice, o argumento é a velhice como a fase de liberação das paixões que permite, de novo, o alcance à sabedoria. É a velhice como resiliência. Aqui, Cícero (106-43 a.C.) é o mais célebre. Para ele, a velhice só é detestável quando é o fim de uma vida desprovida de virtude e razão. Quando a existência é bem conduzida, a velhice é a fase da recompensa. Solon (+560 a.C.) responde a Mimnermo com uma máxima do conceito do envelhecimento ativo: “Estou ficando velho enquanto ainda aprendo”. E Plotino (270 d.C.) lançou mão de uma imagem para concordar: “O sábio é aquele que consegue esculpir sua própria estátua”. Ao escolher a arte da escultura, ele ergue a velhice à condição de nobreza,

²⁰ Tavoillot, 2014, p. 88.

²¹ Deschavanne & Tavoillot, 2007.